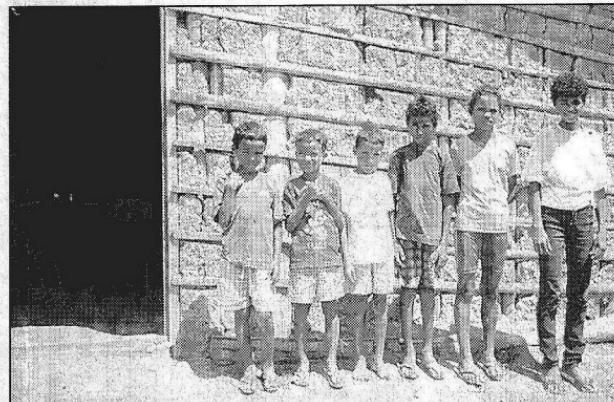


# Alunos enfrentam longas caminhadas e mosquitos na hora de ir para a escola

*É comum também estudantes terem idade acima da prevista para a série em que estudam*

**M**ATUPÁ – Estudar é sinônimo de longas caminhadas para muitas crianças na zona rural de Matupá. O menino Eduardo, de 10 anos, aluno da 2<sup>a</sup> série no assentamento Gleba União, percorre diariamente 16 quilômetros no trajeto de ida e volta entre sua casa e a escola. O caminho é longo, mas ele não anda sozinho: vai sempre na companhia de Feroz e Pirulito, seus dois cachorros. Durante a aula, os animais ficam na sala.

Como as turmas misturam estudantes da 1.<sup>a</sup> à 4.<sup>a</sup> série, é comum irmãos estudarem juntos. É o caso da família Pereira Nunes, em que cinco deles são colegas na Escola Santo Antônio. Arimatéias, de 14 anos, a sexta irmã, desistiu da escola e quer ir para a cidade. “Aqui tem



*Os irmãos Nunes, com idade entre 7 e 14 anos: 1.<sup>a</sup> série*

muito mosquito”, diz. Seu irmão mais novo, Marcelo, tem 7 anos, e a mais velha, Verônica, 14. Todos, no entanto, estão na 1.<sup>a</sup> série e são exemplos de um problema que atinge 46,6 % dos estudantes brasileiros no 1.<sup>º</sup> grau: a distorção idade/série, em que alunos cursam séries com idade acima do previsto.

Convencida de que o estudo é um caminho decisivo para melho-

rar de vida, a professora Janete Mancio, de 39 anos, começou a dar aulas porque não havia ninguém que fizesse isso no lugar dela. “Como não estudei, hoje tenho de enfrentar a roça”, lamenta ela, que não concluiu o ensi-

no fundamental.

Apesar do seu esforço, o filho Onofre, de 16 anos, não estuda. É que na região não há escola de 5.<sup>a</sup> à 8.<sup>a</sup> série e o rapaz deveria estar matriculado na 6.<sup>a</sup> série. Para enfrentar o problema, o secretário da Educação de Matupá, Mauri Costa, planeja um sistema especial. “Vamos levar professores até lá nos fins de semana”, promete. (D.W.)

Marina Oliveira/Undescola